

AS MINHAS AVENTURAS NA REPÚBLICA PORTUGUESA

Miguel Esteves Cardoso

A Aventura do Ayatollah

TENHO plena consciência do perigo que corro ao escrever estas linhas. Releio, tremendo, receoso, cobarde, a condenação do meu jornal que o «Expresso», Alta Consciência da Nação em Particular e Guardador da Civilização em Geral, publicou na semana passada. Para mais, a sentença surge assinada pela mão do poderoso Ayatollah Vhicienti. Ó satânicos remorsos! Que é como quem diz: agora já sei como se sente Salman Rushdie. Salmoneio um pouco, qual truta pensando em mudar de vida. Penso em fazer uma plástica. Já não dá ser caprau de corrida. Antes perder a honra a ser truta salmonada. Não é por nada. Sei o que acontece aos que desafiam a autoridade do Ayatollah Vhicienti: aparecem degolados, sem cabeça e sem reputação, na crónica de Vicente Jorge Silva. Que não é por acaso que se chama, com a juventude e imaginação que caracterizam o «Expresso», «A Crónica de Vicente Jorge Silva».

A acusação é terrível. No caso Rushdie, *O Independente* pecou gravemente contra a religião jornalística deste país, ditada ao longo dos anos pelo boletim paroquial «Expresso» (vulgo sagrado *Koirão*). «*Olimpicamente indiferente*», diz Vhicienti do meu jornal. Mais: *O Independente* cometeu o crime de «*desinteressar-se ostensivamente*» do caso Rushdie. E como se a «*indiferença*» e o «*desinteresse*» não bastassem, Vhicienti menciona ainda a nossa «*apatia*». Cruel denúncia!

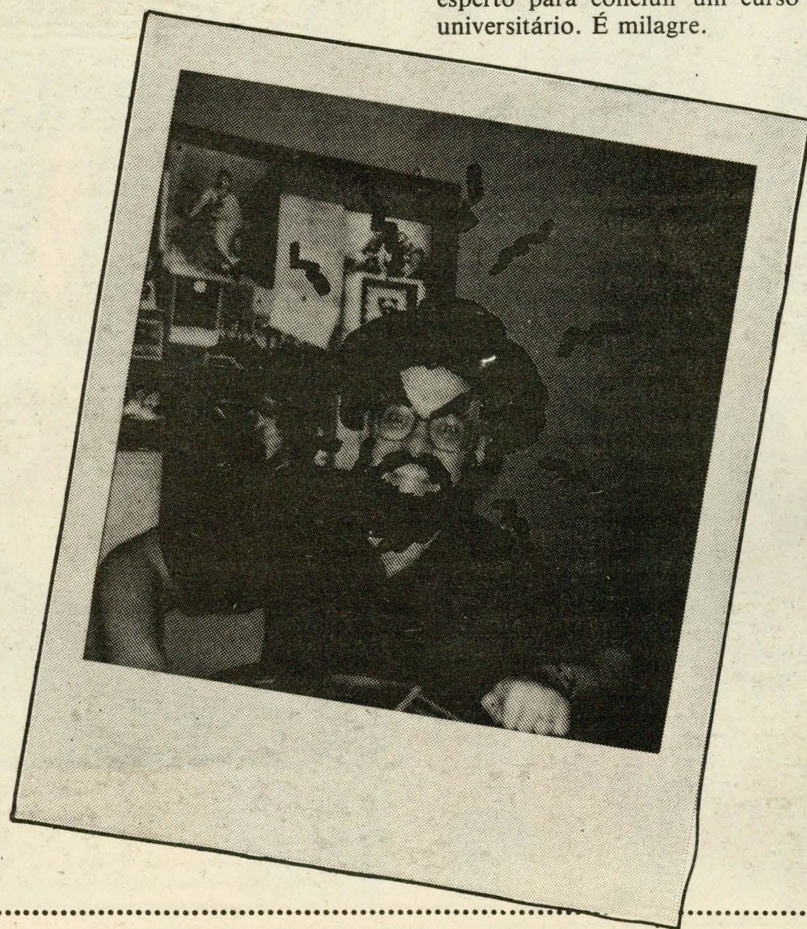
Dura sentença, esta que paira sobre as nossas cabeças. Sabe-se que o Ayatollah já incumbiu brigadas de jornalistas, colaboradores e críticos, todos fanáticos, da missão de abater *O Independente* a todo o custo. Não é brincadeira. A raiva de Vhicienti é lendária. Tememos pela nossa segurança deontológica. Não se podem ofender os ensinamentos do velho *Koirão* e ficar incólume. Vamos pagar.

Tal como Rushdie, tentámos pedir perdão. Invocámos em vão as três páginas que, mesmo antes do «Expresso», dedicámos ao assunto. Em vão protestámos que,

como qualquer pessoa civilizada, apoiámos totalmente Salman Rushdie, independentemente de ser um escritor merdoso e medíocre, e que odiamos o estúpido e perigoso tirano Khomeini, cuja morte natural aguardamos com rara paciência.

Mas o Íman do «Expresso» (que na ilha da Madeira, donde vem, se escreve *He-Man*) é implacável. Os nossos pecados são imperdoáveis. «*Prefere ocupar-se do dia dos namorados!*», acusa Vhicienti. Horror! Balbuciamos: «*Mas, ó Grande Ayatollah, o dia dos namorados é anterior ao caso Rushdie...*» De nada nos serviu. Já não se podia mudar a sentença. Estávamos condenados. O *Koirão* era inequívoco a este respeito. Rezava

Tenho consciência do perigo ao escrever estas linhas



o 27.º mandamento: «*Não falarás de um assunto que diz respeito a toda a gente quando podes versar um tema que apaixonou meia dúzia de sindicalistas na Polónia.*»

Ó Salman! Penso em ti, meu irmão! Ó Salmão fumado, aceita o nosso humilde espadarte! Tu, ao menos, foste condenado e perseguido por uma coisa que escreveste! Sempre consola um bocadinho, concorda. Nós, os humildes escribas de *O Independente*, somos condenados e perseguidos por uma coisa que não escrevemos. Não fazer o bem, decreta o sagrado *Koirão*, é pior ainda do que fazer o mal.

O fundamentalismo vicentino é uma versão portuguesa anos 60 do islamismo. Se Irão é o futuro do verbo Ir, o Portugal de Vhicienti é o já foi. Se Rushdie é o *vade retro Satanás* de Khomeini, Vicente é o *vade retrô* no «Expresso». Dados os nossos condicionalismos, ciclos de cinema e afins, deve dizer-se que o Ayatollah Vhicienti é, entre a tropa fandanga do nacionalismo português, o MFA.

Dentre as brumas incertas, é o Mouro na costa da nossa cultura. Apoia-se numa forma singular de pluralismo, segundo a qual «*Todas as opiniões são legítimas*», com o corolário «*desde que sejam iguais às minhas*». Tendo sofrido na carne a exploração do temível Xá de Santa Comba, Reza Salazari, o idoso Vhicienti cedo abandonou os seus complexos burgueses de «humor» e de «fair play», e adoptou a sadia intolerância de Teerão.

Por conseguinte, o «Expresso» tornou-se no *Koirão* moderno da cultura portuguesa. Decreta os filmes «*obrigatórios*», os livros «*indispensáveis*» e as exposições «*fundamentais*». Em pouco tempo, o «Expresso» de Vhicienti conseguiu ser o mais universitário e académico dos jornais, isto apesar de não ter um único redactor ou colaborador suficientemente esperto para concluir um curso universitário. É milagre.

Se agora incorremos na ira do Ayatollah Vhicienti pelos pensamentos impuros acerca do caso Rushdie, resta-nos uma consolação: ver como o colega dele, Khomeini, tremeu mal soube que o «Expresso» aderira ao abaixo-assinado. Ao Ayatollah iraniano não importaram os 90 países aderentes, as assinaturas do «New York Times» e do «Spectator» e de outros mil jornais. Não. Só quando reparou no «Expresso» é que desconvocou os esquadrões de assassinos. É que um Ayatollah não se mete com outro Ayatollah. Uma coisa é Rushdie ter todo o mundo ocidental atrás de si. É uma ninharia. Outra coisa é ter o Ayatollah Vhicienti a seu favor. Assim sim.

Se o Ayatollah Vhicienti quer saber porque é que *O Independente* não assinou, pergunte. Respondo: não teve oportunidade. Qualquer atrasado mental, seja de que país, religião ou persuasão política for, assina aquilo. Que fácil! Embora achem muito difícil ponderar, podem lá pôr o nosso nome quando quiserem. Há-de fazer grande diferença. O que os portugueses pensam sobre este caso tem tanta importância que nem sequer houve espaço nos anúncios da imprensa estrangeira. No meio de dezenas de publicações aderentes, até o agosto nome do «Expresso» ficou por mencionar. Como é que o Ayatollah vai saber?

Porque é que «O Expresso», armado em esperto, como se não estivesse a reboque de mil outros jornais, só convidou «O Jornal» e *O Independente*? Será que o facto de muitos assinarem — «O Diabo», «O Diário», «Jornal de Sexologia», «TV Guia» — roubaria ao «Expresso» a oportunidade de se armar em herói?

O certo é que o «Expresso» — por lá ter boas almas, ainda mais «snobs» do que nós, como a Clara Ferreira Alves e o Vicente Jorge Silva — queria que *O Independente* assinasse. Porque acham que *O Independente* tem pinta. O resto, não. Telefonaram para cá. E nós não respondemos porque estamos um pouco desorganizados. Mas o problema não é esse. O problema é que o «Expresso», todo europeu e internacionalista, sofrendo de um esquerdismo endémico e sindicalista que até o PCP já proscreveu, ainda acredita que o papel de Portugal não é tanto afirmar a sua mísera diferença, como demonstrar que é igualzinho aos outros países.

E já que me puxaram pela língua, deixem-me dizer o que penso. Façam de conta que já esqueci a maneira como o «Expresso» salivou de contente com a queda do Xá (que não era assim tão mau) e com a ascensão do Ayatollah (que não podia ser pior). Façam de conta que já não me lembro como o «Expresso» apoiou abertamente o tradicionalismo caquético de Khomeini contra o modernismo parolo de Pahlevi. Façam de conta que já não está na minha memória o modo como o «Expresso» passou por cima do sofrimento de um homem enganado mas hon-

roso como o Xá (leiam o livro de William Shawcross), e celebrou a vitória do sinistro Ayatollah (leiam o «Expresso»). E *já* jamais refirmar que Reza Pahlevi nunca teria perseguido alguém como Khomeini persegue hoje Rushdie.

A verdade — que nunca se sabe, nem eu nem sequer o «Expresso» — é esta: Rushdie é um romancista merdoso, meio-indiano e meio-ressabiado, que escreve, em língua inglesa, uns livros sensacionalistas, antiliberais e anti-ingleses, cheios de ódio e de violência. São uma versão rasteira dos romances, já de si merdosos (a não ser os *Cem Anos e Outoño*), de Gabriel García Marquez. *The Satanic Verses* é uma merda. E a prova definitiva de que o Ayatollah Khomeini e o seu regime são também uma merda está na importância que lhes deram.

Defender a civilização ocidental, e a liberdade que lhe está no coração, não é tomar o partido heróico de Rushdie contra o partido tirânico de Khomeini. É tomar o partido do merdoso mais fraco (*Rushdie*) contra o merdoso mais forte (*Khomeini*). Ou tomar o partido do merdoso mais curioso e inseguro contra o merdoso mais convencido e intolerante. No fundo — o que é inaceitável para a mentalidade marxista-de-maple do «Expresso» —, trata-se de defender a *liberdade de se ser rasca* (ou de escrever maus romances) contra a *imposição de se ser fiel* (ou de escrever como V.S. Naipaul).

E se continuam a puxar por mim, digo-vos já. O mal é dos *Mouros*. Dizia (ao que julgo) Afonso Henriques que o problema da Moirama foi sempre grave. São uns selvagens. Rushdie é *mouro*. Khomeini é *mouro*. Não venha agora a Esquerda «Expresso», mole e molengas, dizer que a culpa é da Direita. A Direita sempre soube distinguir entre mouros e cristãos. Tanto Rushdie como Khomeini são pouco cristãos. Mas aí é que está. Rushdie é *menos* mouro. Nos *Versos Satânicos* atacou gratuitamente o regime thatcheriano, que agora, com grande custo, o defende. Mas não lhe passaria pela cabeça condenar à morte quem discordasse dele. Talvez por ter uma mãe e uma educação inglesas, Rushdie tem a inocência dos livres-pensadores contra os preceitos dos fundamentalistas do Islão ou do «Expresso». Por isso mesmo é que precisa de protecção.

A única diferença entre o Ayatollah Vhicienti e o Ayatollah Khomeini, e entre o «Expresso» e *O Independente*, é que os primeiros têm opiniões, preocupações e condenações em relação aos segundos. O resto é dor de cotovelo. Nós somos impuros porque não gostamos nem do Rushdie nem do Khomeini. Eles só gostam de Rushdie. Nós somos impuros porque achamos que os Mouros devem arrumar as botas. Eles acham que as botas é que deviam arrumar os Mouros. Como é que iremos, alguma vez, acertar? Vhicienti! Diz-nos!